janeiro/2021

Revista Verlidelas

edição nº 07

Versos & contos para iniciar 2021 com ESPERANÇA, ALEGRIA e CONSCIÊNCIA

CIDA & SÉRGIO SIMKA

lançam terror infantojuvenil

VERLIDELAS

janeiro/2021

Sumário

ENTREVISTA ... 03
Cida & Sérgio Simka

CONTO ... 09
O Tombança
Ivanildo Batista Chaves

CONTO ... 16
Um Céu para Maicon
Maria Elisa S. Ribeiro

POESIA ... 24
Maria Helena Azevedo

EXPEDIENTE:

Editor-chefe:
•Sergio Carmach

Editora assistente:
•Luzia Barbosa

Ilustrações na capa e na entrevista:
•Seri
Site: https://seriilustrador.com/

Revisão, diagramação e arte:
•Sergio Carmach

contato@verlidelas.com
www.verlidelas.com
www.facebook.com/verlidelas/

Verlidelas Editora
CNPJ 27.850.067/0001-71
Rio de Janeiro/RJ

EDITORIAL

Enquanto esperamos a vacina para o corpo, tentamos imunizar a alma contra as tristezas da realidade com a vacina da arte. Nesta edição, o leitor receberá uma injeção de alegria ao ler o divertido conto "O Tombança"; e experimentará sensações diversas ao viajar pelo tempo em "Um Céu para Maicon", delicado e incisivo conto tirado do recém-lançado "A Segunda Natureza". Na seção dedicada a entrevistas, um produtivo e eclético casal – com dezenas de livros acadêmicos, infantojuvenis e de terror publicados – conta um pouco de sua trajetória. Para encerrar, uma pílula poética cheia de beleza e sensibilidade fornece uma dose extra de consciência ao leitor.

Iniciando mais um ciclo, a equipe Verlidelas torce para que 2021 seja um ano de *esperança*, de um mundo mais solidário, alegre e saudável.

Luzia Barbosa

Apoiam esta edição:

Alegria de Viver e Amar o que é bom
Conheça

LiteraGindo leitura inclusiva
Conheça

Refúgio Literário
Conheça

Vau Brevelhieri
Conheça

Professores e palestrantes, eles são um casal com longa estrada na literatura. Além de se dedicarem a livros acadêmicos, escrevem ficção, indo do infantojuvenil ao terror. De vez em quando, misturam os dois gêneros, tal qual fizeram em “Horror na Biblioteca”, que está para ser lançado. Publicaram dezenas de livros – solo e como parceiros – e são autores de milhares de artigos. Nessa entrevista, a dupla fala um pouco sobre tudo isso. Bem-vindos ao mundo de

Cida & Sérgio SIMKA

POR SERGIO CARMACH

> o professor precisa ser um exemplo. Se quero formar leitores e escritores, preciso mostrar ao aluno que leio e escrevo.

Contem um pouco sobre a trajetória de vocês como escritores.

Sérgio Simka: Sempre gostei de escrever. Cheguei a publicar mais de mil artigos em dezenas de revistas e jornais, incluindo o Caderno 2 do Estadão. Mas o meu maior sonho era lançar um livro, o que finalmente se tornou realidade em 1984, quando lancei uma reunião de crônicas intitulada "Reflexões". Em 1991 publiquei o segundo, "Nada a Declarar", no mesmo gênero. Mais tarde, vieram os livros acadêmicos. Hoje, alterno estes com os infantojuvenis. E há vários "no forno".

Cida Simka: Também sempre gostei de escrever. Na adolescência, colocava textos no papel para expressar meus sentimentos e indignação diante de determinadas situações. Escrevia tanto para mim quanto para amigos que me procuravam. Mas, nessa época, eu não tinha a intenção de publicar livros. Esse desejo só surgiu quando iniciei parceria com Sérgio Simka. Além dos livros acadêmicos e infantojuvenis, tenho projetos sobre temas envolvendo os problemas e a essência humana.

De que maneira a carreira de professor tem influenciado esse caminho?

SS: Os títulos acadêmicos são fruto de estudos, pesquisas e oficinas/palestras que tenho ministrado. A meu ver, ser professor universitário é ser pesquisador, e não apenas mero reprodutor de conteúdos. Os livros de ficção, por sua vez, têm um pé em situações que vivi, inclusive como professor.

CS: Como disse o Sérgio, os livros na área acadêmica são, muitas vezes, fruto de pesquisas, oficinas e palestras, ou seja, têm o intuito de compartilhar conhecimento com outros professores e contribuir para a formação de alunos críticos. Aliás, o professor precisa ser um exemplo. Se quero formar leitores e escritores, preciso mostrar ao aluno que leio e escrevo. Isso também ajuda a desmistificar certas crenças que inibem a criatividade do jovem, como achar que escrever só é possível para quem tem um dom.

Um gênero que atrai bastante vocês é o terror. Isso tem alguma razão em especial?

SS: O terror é um gênero literário cujo foco, claro, é despertar medo no leitor, seja pela descrição do ambiente, seja pela própria narrativa. Então, não sei

por que ele me atrai, sinceramente... Talvez eu tenha sido, em alguma outra vida, morador de uma casa mal-assombrada e meu espírito tenha ficado preso lá, confinado, por cometer atrocidades antes de desencarnar, o que eu não gostaria de saber.

CS: É instigante trabalhar, na mente do leitor, o medo – do sobrenatural, do invisível – e a curiosidade sobre o lado obscuro, algo natural no ser humano. Apesar de mexer com a adrenalina, o terror também traz prazer, sendo um dos tipos de literatura preferidos por jovens e adultos. Assim, escrever nesse gênero também dá ao escritor a oportunidade de atrair leitores e formar novos autores.

Os livros "Horror na Biblioteca", que está para ser lançado, e "O Enigma da Biblioteca" trazem suspense e terror para o público infantojuvenil. Falem-nos um pouco sobre essas obras.

SS: "O Enigma da Biblioteca" foi escrito com o objetivo de despertar o interesse pela leitura de forma diferenciada. A obra incentiva a frequência às bibliotecas e o manuseio de livros de variados autores e gêneros, além de colocar o jovem leitor em contato com regras gramaticais de maneira divertida. Já trabalhamos dessa forma em sala de aula e o resultado foi muito positivo.

Na história, dois adolescentes de férias – João e Maria – vão à biblioteca e se deparam com um erro de português na entrada. Quando vão avisar alguém lá dentro a respeito do problema, encontram um envelope deixado por um desconhecido. Então eles começam uma aventura, na qual precisam resolver dez desafios – em meio a inúmeras seções de livros – para solucionar um enigma. No caminho, conhecem os três andares da biblioteca e encontram até um tabuleiro de xa-

drez com um jogo prestes a terminar. Caso vençam os desafios, João e Maria – após mergulharem numa extraordinária aventura por nosso idioma e por livros da literatura brasileira e mundial – terão o direito de conhecer o grande segredo, que pode mudar suas vidas.

CS: "Horror na Biblioteca" foi escrito com base na observação de algumas cenas reais. Aliás, isso é uma dica. O autor precisa usar a imaginação e a criatividade diante de situações comuns do dia a dia: uma porta aberta pode ser um portal de entrada para monstros, espíritos; uma mosca voando pode ser um extraterrestre que veio em busca de almas; e um livro entregue em um balcão de biblioteca pode se transformar em uma trama de terror e suspense, como foi o caso de "Horror na Biblioteca". É importante dar fluência à criatividade sem medo de críticas.

Nessa história, temos a personagem Matilde. Desde criança, ela sonha em trabalhar com livros e com o público, até que arranja um emprego na biblioteca de uma pequena cidade do interior. Sua função é atender pessoas que devolvem livros com títulos esquisitos. Na casa de dois andares, vizinha de um prédio semiacabado e um casarão mal-assombrado, situações estranhas começam a acontecer: a copeira é assassinada, uma colega de Matilde desaparece... O clima sinistro é arrematado pela presença de Vitório Augusto, um gigantesco boneco de neve que faz parte da decoração de Natal. De repente, a porta se tranca com Matilde dentro da casa.

Como analisam a literatura juvenil de terror escrita por brasileiros? Que reflexões fazem sobre esse mercado?

SS: Há muita gente competente publicando livros com essa temática. O problema é que os leitores se interessam mais por autores de fora e leem pouco os escritores nacionais, às vezes por preconceito.

CS: Também contribui na piora desse cenário a dificuldade que ainda existe para se publicar um livro, mesmo com todas as melhorias percebidas nesse sentido nos últimos tempos. Hoje há, por exemplo, editoras pequenas investindo em antologias, concursos e até em financiamentos coletivos, dando oportunidade para que escritores desconhecidos se lancem no mercado. Outro fator

negativo que merece ser mencionado é o preço do livro. Deveria haver maior incentivo para a sua publicação e venda se o objetivo é nos tornarmos um país de leitores.

Que dicas poderiam dar a quem deseja iniciar uma carreira de escritor?

SS: Leia e escreva como se sua vida dependesse disso. Confie em seu potencial como escritor (o que eu chamo de competência linguístico-discursiva) e vá em frente. Participe de oficinas de escrita, cursos sobre *marketing* e mercado editorial, veja o que pode ser interessante e tente usar esses subsídios em sua trajetória, até para constatar que não servem. Se você gosta de um gênero, ao menos fique a par do que tem sido publicado nesse segmento. Leia livros sobre a temática, participe de antologias e editais que viabilizem a publicação de seus contos/crônicas/poesias.

Leia e escreva como se sua vida dependesse disso.

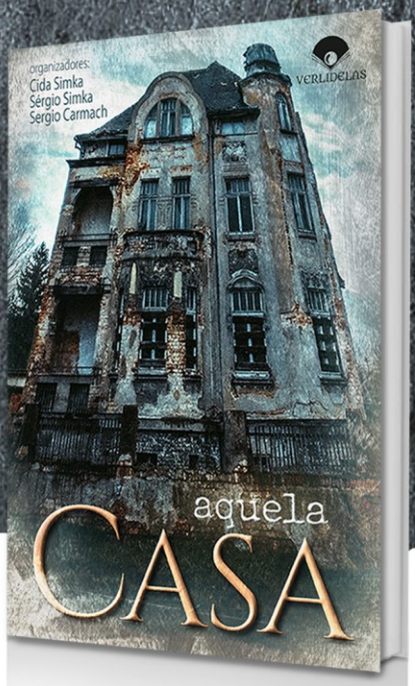
CS: Além das importantes dicas dadas pelo Sérgio, eu diria a quem quer escrever que todos somos escritores. Se alguns escrevem e outros não, isso se deve a uma maior ou menor dedicação, à vontade, à confiança em seu potencial. Aos iniciantes, sugiro que se tornem observadores atentos e anotem todas as ideias que vierem à mente. Elas são histórias em potencial. Não se preocupem com críticas. Ao contrário, usem-nas como degraus para a realização de seus sonhos. E o mais importante: sejam leitores, pois quem não lê não escreve.

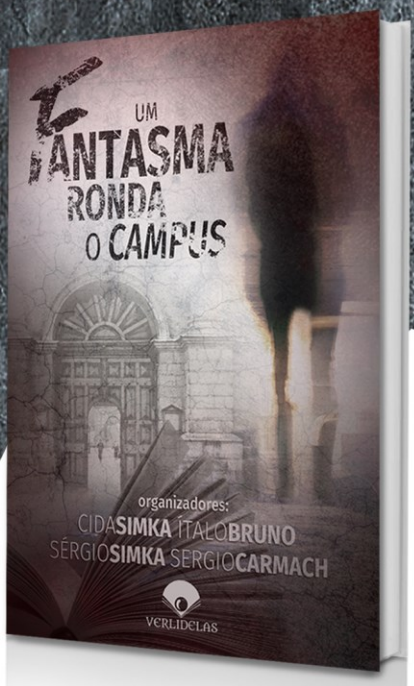
Gostariam de mencionar alguns livros e autores que admiram?

SS: Há muitos livros e autores fantásticos. Gostaria de deixar registrados nesta entrevista os nomes de dois autores brasileiros cujas obras são excepcionais: Manuel Filho e Egidio Trambaiolli Neto.

CS: "O Iluminado", de Stephen King; "Os Sete", de André Vianco; "O Vilarejo", de Raphael Montes; "Favela Gótica", de Fabio Shiva. Por fim, gostaria de convidar os apreciadores de terror a conhecer as antologias "Aquela Casa", "Um Fantasma Ronda o *Campus*" e "Uma Noite no Castelo". ■

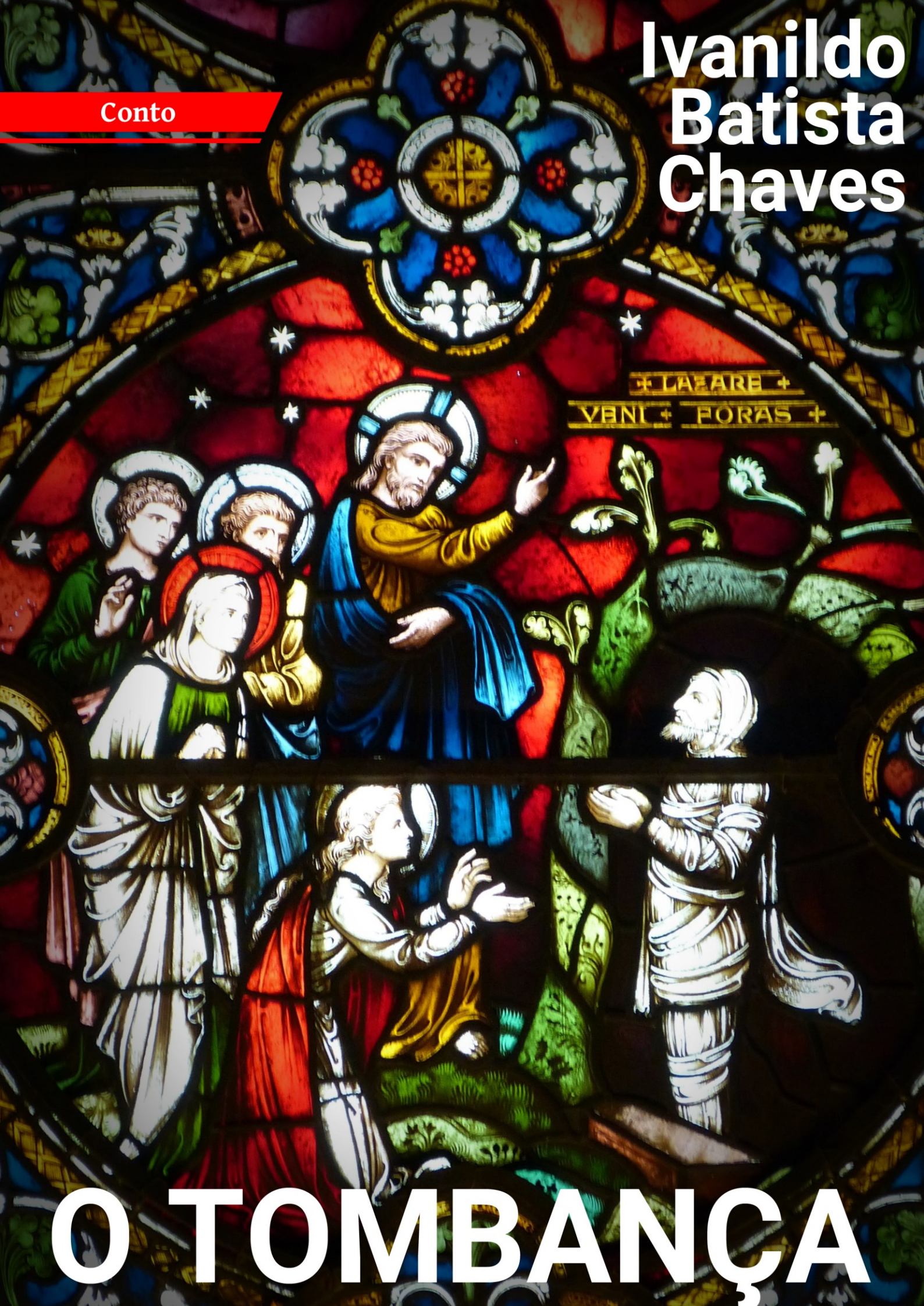
Infantojuvenil





Conto

Ivanildo Batista Chaves



O TOMBANÇA

EM TODA CIDADE, BAIRRO OU RUA, há sempre uma "figura folclórica", seja homem ou mulher, que fica gravada na memória de quem ali viveu. Algumas são pacíficas e se destacam pela inteligência e cordialidade. Outras são agressivas e irritadiças, ficando vulneráveis às chacotas cruéis dos gozadores de plantão e se tornando as vítimas preferidas da molecada.

O exemplo mais emblemático é o homem daquela história antiga e engraçada que morava em uma cidade do interior nordestino. Ele ficava irado e atacava seus molestadores quando chamado pelo apelido de "Garapa", que no Nordeste tanto pode ser o sumo da cana moída quanto a mistura de água com açúcar.

Um dia feriu com certa gravidade um moleque ousado que, embora lépido e em embalada carreira, não conseguiu se desviar de uma de suas certeiras pedradas e acabou internado em estado grave. Em consequência, Garapa foi a julgamento, sendo defendido por um antigo e matreiro rábula, excelente orador, de inteligência aguçada e dotado de uma presença de espírito sem igual.

Chamado a se manifestar, assim iniciou sua defesa: "Excelentíssimo senhor juiz, douto promotor de justiça, senhores e senhoras membros do júri, meus senhores e minhas senhoras"; pausa; "Excelentíssimo senhor juiz, douto promotor de justiça, senhores e senhoras membros do júri, meus senhores e minhas senhoras"; pausa. Depois da quinta repetição, o juiz, irritadíssimo, ordenou que ele começasse logo a defesa.

O rábula, satisfeito, desta forma se pronunciou: "Estão vendo, senhores jurados e demais cidadãos aqui presentes, eu repeti apenas cinco vezes a mesma frase e o excelentíssimo senhor juiz que preside esta corte já se irritou, e garanto que os senhores também. Agora imaginem o meu cliente a ouvir por milhares de vezes, durante toda a sua vida, a mesma alcunha de 'Garapa' que ele tanto abomina!"

Ao final, o acusado foi absolvido por unanimidade. E o juiz, depois de prolatar a sentença, ainda mandou o delegado local prender de imediato toda e qualquer pessoa que chamasse aquele cidadão pela malfadada alcunha. Mas a perversidade humana não tem limites e a molecada não ia deixar de perturbar o Garapa. Quando agora ele passava pelas

ruas, um gritava "Água" de uma calçada e seu amigo exclamava "Açúcar!" do outro lado. Aí o Garapa, já bastante irritado, bradava: "Mistura, *fi* duma égua, mistura!"

Pois é, na rua que passava por trás da nossa casa moravam dois irmãos, grandes amigos meus, o Wilson e o Janoílson, pessoas pacatas e agradáveis. Este último sempre considerei o melhor amigo que tive na infância e juventude. Aos dezesseis anos, ele foi precocemente tirado do nosso convívio devido a um cabelo arrancado do dedão do pé por um sapato apertado, o que lhe ocasionou um tétano e me fez dormir morto de medo embaixo da rede da minha mãe por uma semana.

Moravam também na mesma rua, em uma casa que dava de fundos para a nossa, vários de seus tios. Homens e mulheres, todos de meia-idade e solteiros, que – ao contrário dos meus amigos – eram inamistosos e perturbados. Apesar do muro alto que separava as nossas residências, ouvia-se pela manhã, à tarde e à noite a algazarra estrondosa que faziam durante as refeições, ou fora delas. Eram brigas inenarráveis!

Diziam as línguas maldosas que eram fruto de um casamento entre parentes muito próximos, mas nunca procurei confirmar tal boato. Dentre eles se destacava um pela agressividade maior e voz mais alterada. Usava sempre um chapéu para proteger a cabeça do sol inclemente e camisa de mangas compridas por conta da sua pele extremamente clara. Era alto, magro... e temido por muitos.

Mas o que mais chamava atenção nesse senhor, que atendia pelo nome de Antônio, era seu andar claudicante, que oscilava para cima e para baixo. Como se fosse o Dino, da série de televisão "A Família Dinossauro", ou o Cadeirudo, da antiga novela "A Indomada". Tudo provocado por um defeito físico que o acompanhou e atormentou até o fim da vida: tinha os solados dos pés voltados para dentro, ou seja, um ficava de frente para o outro, prejudicando a locomoção, já que só as laterais dos pés tocavam no solo.

Com essa característica tão chamativa, não pôde fugir aos moleques mordazes, maldosos e aplicadores de alcunhas, que desde cedo passaram a chamá-lo por um nome que o fazia surtar de ódio, "Tombança", um neologismo provavelmente originado daquele andar que deixava o homem meio

tombando, meio dançando.

Muito garoto travesso teve que usar toda a sua agilidade e reflexo ao correr em ziguezague para escapar dos seixos e pedaços de paralelepípedos jogados pelo ofendido irado.

Nessa época as famílias tinham por costume colocar cadeiras na calçada – à tardinha, logo que o sol baixava – e ficar com os vizinhos em conversas amistosas e infindas.

Antônio Tombança quase foi justiçado algumas vezes por mães e pais injuriados, pois, ao surtar, agia como um policial despreparado e irresponsável. Ficava cego e só via o ofensor, mais ninguém. Fazia seus disparos, que se tornavam *pedras perdidas* quando – quase sempre! – não acertavam o alvo pretendido, colocando em risco a integridade física de pessoas que estivessem nas proximidades.

Mas, fora de seus arroubos, Tombança agia como um cidadão igual a outro qualquer. Católico fervoroso, frequentava assiduamente grupos religiosos promovidos pelo Seminário da Prainha.

Sonhos também não lhe faltavam. O maior deles era ser ator teatral, pois se deslumbrava com o palco e nele achava que um dia iria se realizar. Jamais deixava de atuar na "Paixão de Cristo", peça organizada e ensaiada por padres e seminaristas. Geralmente fazia apenas uma pequena ponta ou atuava como figurante, mas com o decorrer do tempo passou a se considerar devidamente preparado para alçar voos mais altos. Os diretores, embora temerosos, resolveram atender ao seu pedido e lhe deram o importante papel de Judas Iscariotes, que continha um monólogo com certo grau de dificuldade.

No final de dezembro, chegou a noite esperada! Abriram-se as cortinas! A peça começou bem. Os atores, bem ensaiados, interpretavam com esmero seus papéis e emocionavam o atento público presente. No início do terceiro ato, no qual Tombança teria que fazer o difícil monólogo do "Judas Iscariotes arrependido", os padres e seminaristas que dirigiam a peça estavam apreensivos. Mas a desenvoltura dele surpreendeu a todos.

No ponto mais crucial e dramático do solo, Tombança, representando um Judas angustiado após entregar Jesus aos seus algozes, perguntou: "Quem sou eu? Quem sou eu?" No instante seguinte, alguém na plateia respondeu em alto e bom

som: "Tu és o *Toin* Tombança, abestado!" Em réplica, ouviu-se do palco uma voz injuriada e sufocada: "'Tombança' é a *buc**** da tua mãe, seu filho de uma puta!"

Imediatamente as cortinas foram fechadas! E precisaram chamar muita gente para segurar Judas Iscariotes e abafar os impropérios que ele não se cansava de repetir... Com o público rindo sem parar e a "Paixão de Cristo" transformada de drama em comédia, encerrou-se precocemente a tão importante peça.

Mas Tombança não era homem de se deixar cair em depressão, tampouco se permitia desistir fácil de seus sonhos. Passado aquele momento, já estava pronto para outro desafio: candidatou-se para atuar no próximo drama de final de ano. Dessa vez, entretanto, já ressabiados, os organizadores resolveram lhe dar um papel menos complexo. De poucas falas. O melhor que se adaptava às suas características era o de Lázaro.

Mais uma vez, o belo drama de Natal transcorria sem maiores percalços, para o deleite do público, elenco e diretores. Jesus estava em estado de graça com sua impecável *performance*. Faria agora a cena da ressurreição de Lázaro, que estava deitado no túmulo improvisado no palco. Jesus, seguindo o *script*, ordenou com autoridade: "Lázaro, venha para fora!" Pausa... Nada aconteceu. Jesus tentou de novo: "Lázaro, venha para fora e ande!" E nada de Lázaro querer ressuscitar, fazendo suas irmãs bíblicas, Marta e Maria, próximas a Jesus aguardando o desfecho, sussurrarem apreensivas para o morto: "Levanta, Antônio, levanta!" E nada acontecia. E o público em suspense. Ouviam-se já algumas risadinhas. Mandaram, estrategicamente, fechar as cortinas para que o drama não virasse comédia, como tinha ocorrido no ano anterior.

Depois da peça, correu o boato de que Antônio Tombança, provavelmente magoado com o papel pífio que lhe tinha sido destinado, havia enchido os cornos durante todo o dia e não resistira ao sono acalentador quando colocado em seu ninho sepulcral. Foi preciso chamar muita gente para arrancar Lázaro, bêbado e apagado, do seu confortável túmulo, possibilitando assim a continuidade do ato sem maiores contratempos.

■ ■ ■

IVANILDO BATISTA CHAVES

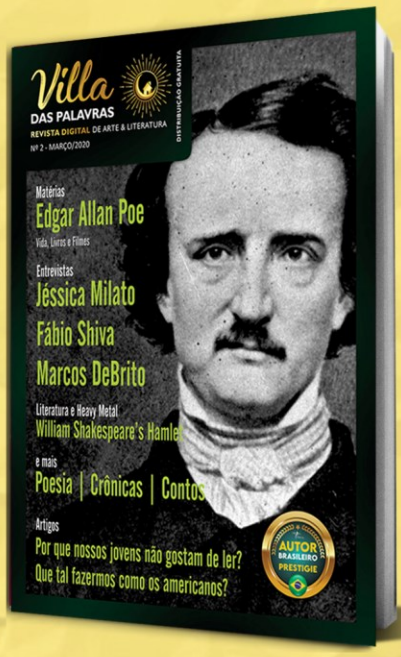
Nascido em Caruaru/PE, escreve em prosa e verso. Tem poemas nas antologias “Dez Poetas e Eu”, “Um Brinde à Poesia”, “O Poeta É um Fingidor” e “Para Vinicius”, além de integrar os três volumes da série “Delirium Liricus” (Verlidelas). Publicou dois livros solo: “Safira – Sonetos, Cordéis e Outros Versinhos” e “Poliedro – Contos e Versos”. Também participou da coletânea “Histórias do Cotidiano” (Verlidelas), obra da qual foi retirado o conto “O Tombança”.

se você gosta de
revistas literárias...

conexão
Literatura

Visite:
http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/

Villa
DAS PALAVRAS
REVISTA DIGITAL DE ARTE & LITERATURA

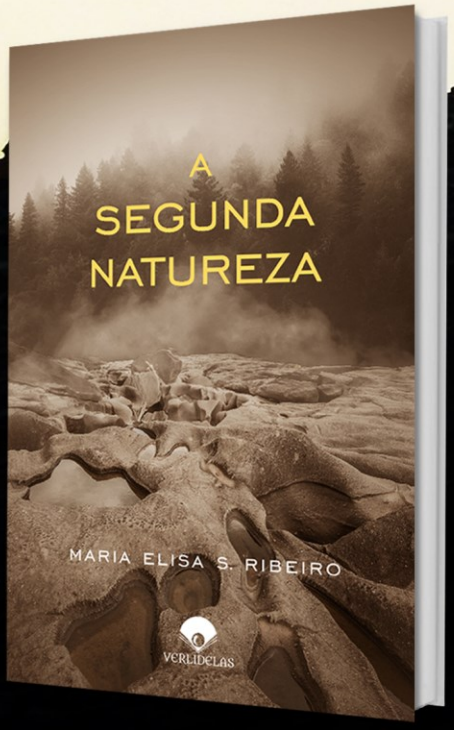


Visite:
https://www.adrianovilla.com.br/

Conto

um Céu para MAICON

MARIA ELISA S. RIBEIRO



"Há nos contos de *A Segunda Natureza* (...) uma espécie de fenda para um submundo fascinante, estranhamente sedutor."

Paula Giannini
Escritora

OLHOS ARREGALADOS, ora sentado, ora deitado, jogado na calçada. O sono não vinha, a madrugada se arrastava. Era a terceira noite sem dormir, mas ele não se lembrava.

Lembrava, sim, da infância, em *flashes* desconectados. Os irmãos, os pés sobre a lama, os gols que fazia no campinho do bairro, as histórias rimadas que a avó contava. Ele, o mais velho, ao lado da mãe, os irmãos, um pela mão o outro no colo, indo para a igreja aos sábados. Por que aquele tempo bom havia passado tão rápido?

Madrugada alta, bateu uma fome desesperada. Só tinha o resto de uma pedra de *crack* e um pouco de Coca-Cola. Acompanhando o amargor da fome, as lembranças também azedaram. O pai caindo de bêbado, os gritos da mãe, a primeira noite passada ao relento após o dono do barraco expulsá-los. O tempo ligeiro da infância terminou ainda mais rápido: os dias na rua, mendigando comida, correndo atrás de um trocado, custavam a passar. A princípio a droga fez tudo parecer bom como antes. Aos poucos, fez o tempo definitivamente parar. Como naquela noite que não terminava.

Levantou trôpego, o estômago colado às costas. Remexeu uma lata de lixo, o cheiro o fez vomitar uma bile rala. Desceu a rua na direção da praia. Uns duzentos metros adiante, numa esquina, um despacho. Pipoca, cachaça, flores, roupas usadas. Sentiu medo. Um medo distante, da época feliz em que ia com a mãe ao culto nos sábados e o pastor dizia que macumba era coisa do diabo. Mas a fome foi maior.

Comeu feito um bicho, a cara enfiada no prato, a cachaça serviu para empurrar as 150 pipocas secas garganta abaixo. Quando levantou, começou a girar em torno de si na direção anti-horária. A cada volta o corpo mais convulso, o giro mais acelerado. Quem visse não acreditaria, mas a rua estava absolutamente deserta àquela hora. Findado o último giro, caiu desacordado. De bruços, a cabeça pousada no chão duro da calçada, dormiu um sono de morte.

◈◈◈

Dila levantou-se assim que o dia se insinuou pelas gretas do telhado. O menino ainda ardia ao seu lado, mas já não tossia nem chorava. Embrulhou-o bem e amarrou-o às costas, precisava ter as mãos livres para colher as folhas e raízes que a mãe havia indicado. Queria dar um banho no menino e preparar-lhe um chá antes da rotina na fazenda começar. Só pedir aos deuses não estava adiantando, carecia de fazer alguma coisa para aquela febre baixar.

Assustou-se, achou que estava morto, o corpo esparramado embaixo de uma árvore. "Que roupa seria aquela", se perguntou. E aquele calçado? Aproximou-se e viu que o negrinho respirava. Devia ter fugido de alguma fazenda. Não cheirava bem, nem a negro, nem a bicho. Cheirava a coisa estragada e fumaça. Tratou de voltar, precisava cozer as plantas e banhar o filho antes de todo mundo acordar.

A mãe disse que cuidava do menino, que ela fosse logo contar sobre o escravo fugido, talvez ganhasse algum agrado. Dila esperou acocorada na frente da casa do capataz, não ousou bater na porta. Assim que ele saiu, contou sobre o sujeito, o negrinho fedido, vestido de forma esquisita e com os pés calçados. Estava ao pé de um cambucá, na borda da mata, nos fundos da propriedade.

– De onde você fugiu, moleque?

O capataz o acordou com a ponta da bota. Maicon olhou para o homem sem entender nada, as palavras soando como um grunhido indecifrável. Ressaca ruim de *crack* com cachaça, sono, sede, a cabeça pesada.

O tempo voltara, um ano por cada pipoca comida do ebó. Castigo do orixá pelo abuso de se apossar do que a ele havia sido ofertado. Estava em uma fazenda, ou melhor, em uma chácara, exatamente no local onde havia tombado depois de se intrometer no despacho, em Copacabana, só que 150 anos antes.

– Fugi não senhor! – Maicon respondeu com a língua embolada na terceira vez que o capataz insistiu, chutando já com alguma violência suas costas.

O homem mandou os dois escravos que o acompanhavam amarrarem o jovem ao tronco do cambucá e abaixarem sua calça. Sacou da cintura a chibata e ergueu o braço, mas diante da magreza do garoto, as pernas do diâmetro do pulso de um negro normal, desistiu da chicotada.

– Serve nem para apanhar!

Foi se aconselhar sobre o que fazer com o moleque. O patrão falou que, se o sujeito era como ele dizia, magro e fraco, que o alimentassem antes de tudo. Iria assuntar se havia fugido algum escravo das fazendas próximas. Se não houvesse, deveria ser usado como escravo doméstico, já que na lavoura, pequeno e franzino, não renderia.

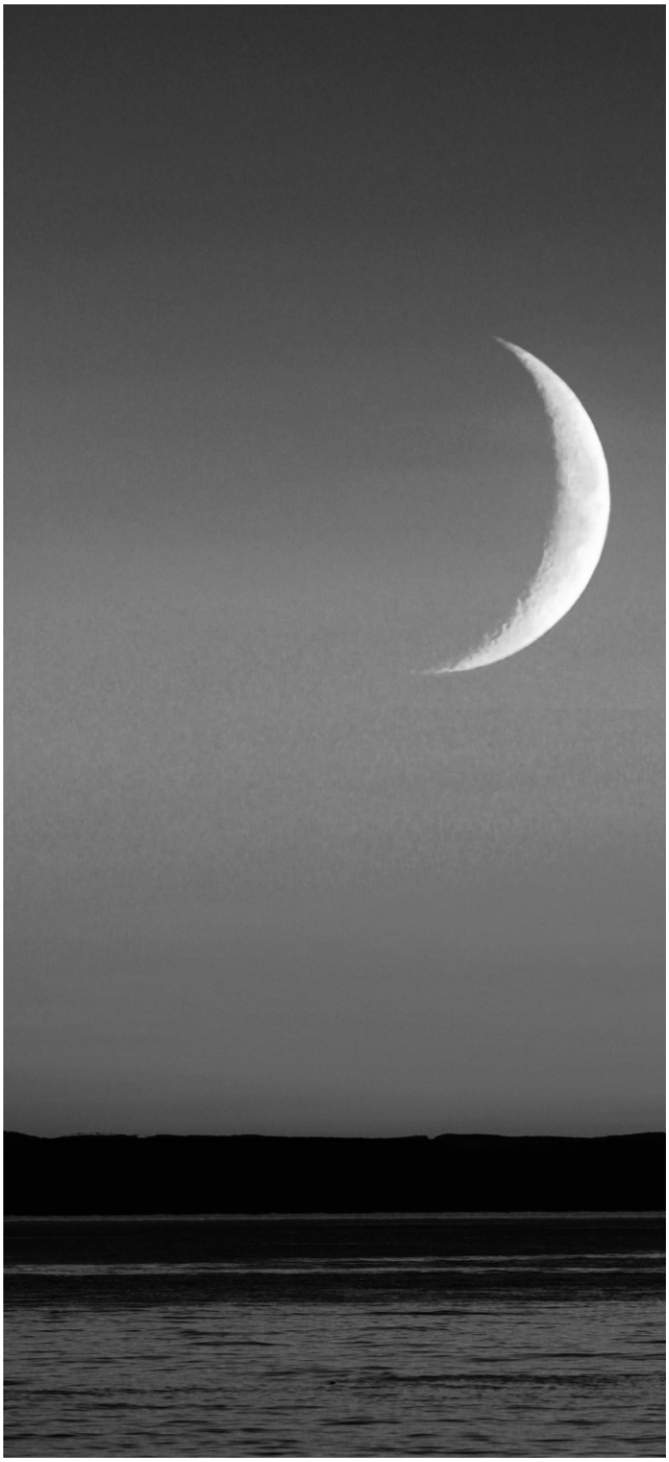
◈◈◈

Dila e Maicon se entenderam bem desde a primeira troca de olhares. O de Maicon, embaçado pela droga e pela estranheza da situação, cujo enredo intuía, embora não soubesse explicar. O de Dila, ansioso por encontrar alguém, qualquer um com quem pudesse se enredar.

Bento, o menino de Dila, era filho de um abuso que ela sofrera certa tarde voltando sozinha de um banho de cachoeira, a roupa

branca transparente por causa da água, nos limites da fazenda. Não viu sequer o rosto do homem que a abusara. Ele a havia pego por trás e depois a largara meio viva, meio morta, a cara afundada na palha úmida da mata.

Tinha treze incompletos quando emprenhara sem saber ainda o que era interesse ou vontade de homem. Aos quatorze, Maicon pareceu-lhe um presente dos deuses, aos quais rogara nas noites insones acalentando Bento e sonhando com um par.



Depois de limpo das drogas, a fissura e o mal-estar acalmados por uma mistura de folhas que a mãe de Dila macerava em mel e o fazia engolir ou inalar, Maicon, mesmo sem compreender, percebeu, comparando o cenário que via com as histórias ouvidas na escola, que havia voltado ao passado. Viagem no tempo, já tinha visto acontecer em filmes assistidos na TV com a mãe e os irmãos antes de serem despejados.

A garrafada também lhe dava energia e como por mágica fizera cessar a dor persistente, incapacitante até para algumas tarefas, que sentia no ombro por causa de uma bala perdida nele alojada. Também havia a comida, um feijão grosso cozido com carne curada no sol e misturado com uma farinha grossa e muita pimenta da boa amassada. Em pouco mais de uma semana, recheadas suas carnes magras, o capataz concluiu que ele já aguentaria uma meia dúzia de chicotadas e, portanto, estava pronto para contribuir com as tarefas da casa.

Dila ajudava na cozinha. Sua mãe fazia a comida, ela lavava os pratos e ariava com capricho as panelas até encontrar no brilho turvo e convexo delas os próprios olhos marrons, bem maiores do que eram. A Maicon coube ajudá-las na lida fazendo o serviço mais pesado, limpar o chão e esfregar sem descanso as paredes escuras de fuligem que nunca haveriam de ser novamente alvas.

◈◈◈

O primeiro beijo os dois trocaram nas areias da praia, Bento dormindo ao lado, sob um filete de lua minguante, o céu assustadoramente estrelado. Maicon sentiu um frio no estômago, e outra coisa, uma pressão mais embaixo, e desejou que o tempo parasse. Dila montou sobre ele deslizando o corpo de um lado para o outro, para cima e para baixo. Os beijos foram ficando

mais líquidos, a areia mais macia; o vento, um afago morno; o céu, testemunha silenciosa.

Mas logo chegaram à praia outros negros, tambores e oferendas nos braços, e os dois se separaram. Maicon nem se aborreceu tanto, ficou sentindo o gosto bom de Dila na boca; estava treinado em saber que tudo que era bom passava logo.

Dila quis se aproximar da roda formada pelos negros assim que as batidas de tambor, os cantos e as palmas iniciaram. Maicon lembrou o velho medo incutido pelo pastor em outra época, mas acabou seguindo-a, dois passos atrás, com cautela.

Estavam a cerca de cinco metros, Dila à frente oscilando e batendo os pés no chão ao ritmo das palmas, quando um negro envolto num pano estampado em amarelo, girando, rompeu a roda em direção a eles. Parou diante de Maicon, as pálpebras semicerradas, só o branco dos olhos visível, a expressão séria. Da boca quase fechada saiu como um choramingo, num fio de voz, um pedido.

Que voltasse, gemeu repetidamente o negro atuado. A voz era do irmão mais novo, que nascera nove anos depois dele, o pai já perdido para o álcool. Maicon, no papel de um quase pai na falta do verdadeiro, começara a usar drogas por não dar conta de ver o pequeno com fome, dormindo na rua, sem banho nem escola. Seus olhos encheram de lágrimas. Agora que estava limpo sabia, o orixá só o fizera lembrar, que os irmãos e a mãe precisavam dele. Carecia achar um caminho de volta.

O negro fez um meneio brusco de cabeça, um requebro de ancas e deu meia-volta, a boca num riso sardônico, os olhos ainda virados, a entidade nele montada satisfeita com o efeito causado em Maicon.

◈◈◈

Maicon estava feliz em sua nova vida cativa. Sentia-se pleno do pouco que precisava.

Todas as manhãs, assim que o sol subia, havia o trabalho, ainda que sem salário, preenchendo seu dia, ainda que sob o fantasma da chibata. Para comer, havia sempre o feijão misturado à carne, um único prato farto feito de sobras. Havia, sobretudo, os braços macios de Dila e o bebê já pronto que logo, certamente, iria chamá-lo de pai.

E se pudesse fazer vir a mãe, os irmãos?...

– Como assim, meu filho? Para serem escravos e viverem essa vida desgraçada?

Foi a fala do velho, espécie de babalaô, cego de um olho, escravo na fazenda como ele, que organizava o culto dos negros das redondezas quando tinham algum momento de folga. Além do mais, desconhecia feitiço para tal. Podia, sim, tentar desfazer o malfeito do orixá, devolver Maicon ao futuro, quiçá precisamente à data em que ele estava antes de tudo começar. Conhecia uma mandinga e um local bom para o despacho. Mas precisava ser noite de lua inteira. Maicon teria dois dias para decidir se era isso mesmo que desejava.

A vida estava de bom tamanho, mas, pensando bem, tão precária quanto outrora. Passado e futuro se equivaliam na avaliação de Maicon. Havia apenas que decidir se preferia Dila e Bento ou a mãe e os irmãos, e para isso fez um cálculo rápido. Com a mãe, tinha dezesseis anos de história; com Dila, talvez nem dois meses, embora de tão bons parecessem apenas algumas horas.

Disse a Dila que partiria por um tempo, mentindo que voltaria. Porque não tinha outra coisa de valor, deu a ela seus Nikes falsos, os tênis que Dila tanto gostara, pedindo que os guardasse.

◈◈◈

O dia se apagava em púrpuras e lilases e a lua ainda não tinha emergido da água quando Maicon e o velho chegaram ao local combinado. O despacho era para ser feito em um platô na Pedra do Leme, acessível por uma picada e uma pequena escalada. Mas, como o saco que tinha às costas com a coisas para o trabalho estava pesado, o velho achou melhor ficarem pela praia mesmo, no canto, onde as ondas lambiam as pedras da encosta.

Antes de começar, o velho disse a Maicon que pedisse mentalmente e com muita força o desfecho que desejava. O rapaz pediu, mas cheio de cautela, no mesmo molde prudente ensinado pela mãe quando ela lhe mostrara como rezar para os deuses de sua religião. Que as coisas corressem conforme fosse melhor para ele, foi seu pedido tímido e rápido.

Depois que a lua subiu, aconteceu de um tudo naquele canto da praia. Na falta de um feitiço específico para o objetivo pretendido, o velho juntou todas as mandingas que conhecia na tentativa de fazer aquela hipótese de viagem

no tempo dar certo. Ao longo de todo o serviço, primeiro como parte dos trabalhos, depois por puro regalo, os dois beberam muita jeribita, a cachaça dos escravos.

◈◈◈

Maicon acordou com a claridade do sol ferindo seus olhos por baixo das pálpebras apertadas. Virou o corpo, o rosto na direção contrária, a areia arranhando sua pele, mas não adiantou nada. Ao abrir os olhos, a cabeça confusa ainda sob o efeito do álcool, Copacabana vista do Leme àquele crepúsculo de rosas e dourados pareceu-lhe o paraíso na Terra.

O velho não estava ao lado, tampouco a montoeira de coisas usadas no despacho. Logo saberia que também não encontraria Dila, ou o pequeno Bento, tampouco a mãe e os irmãos mais novos. Assim como não encontraria mais negros – nem brancos – escravos ou não, dormindo na rua ou em toscas redes remendadas. Todos sob aquele céu, que logo se revelaria azul e ensolarado sobre sua cabeça ainda atordoada, agora tinham teto, comida, saúde, educação e trabalho. Um futuro feliz, enfim, havia começado.

■ ■ ■

MARIA ELISA S. RIBEIRO
Nasceu no Rio de Janeiro e atualmente vive em Lisboa. É contista, poeta e dramaturga. Tem textos publicados em coletâneas e participa do coletivo literário As Contistas. "A Segunda Natureza" reúne alguns de seus contos produzidos nos últimos três anos.

"Atmosfera Literária com Fabio Shiva" é um quadro do programa ATMOSFERA 102, apresentado todo sábado por Fernando Bamboo na Rádio 102.7 FM, de 12h às 14h

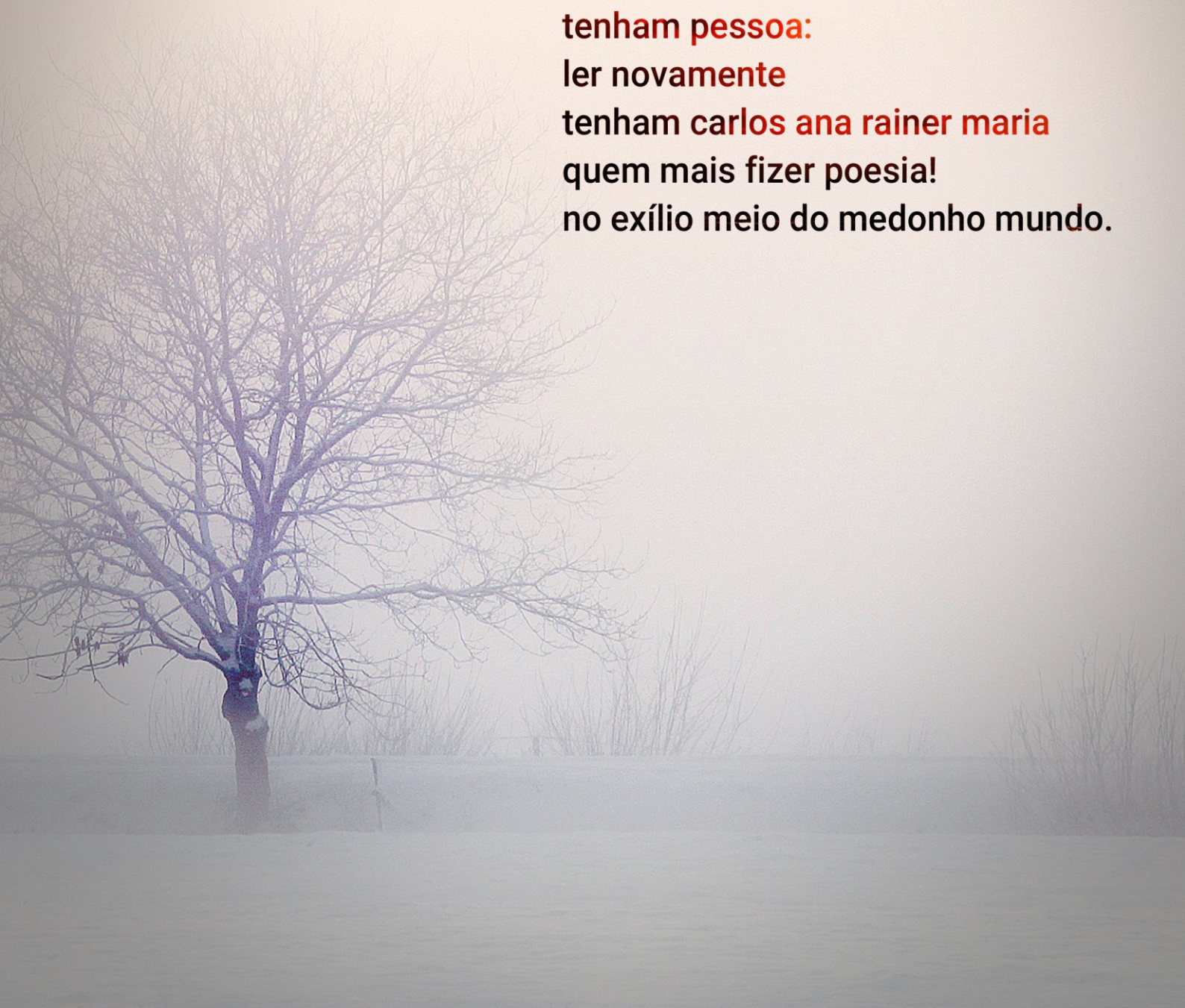
Confira online

Apoio: Verlidelas Editora

Conheça a **Cura Poética**

UMA poesia chamada POESIA

MARIA HELENA AZEVEDO
Professora pública aposentada de História e Literatura, em 2008 lançou "Uma Hora por Dia" (7Letras), finalista do Prêmio Jabuti. Divulga seus poemas nas páginas Pois É, Poesia (Facebook) e @mhelenazevedo (Instagram). Participou da antologia "Cura Poética" (Verlidelas) com três poesias, incluindo a publicada nesta edição da revista.

POESIA

poesia –
era tudo o que eu dizia
no exílio meio do redondo mundo
tanta gente sem poesia!
que tenham bandeira:
ler sempre
tenham pessoa:
ler novamente
tenham carlos ana rainer maria
quem mais fizer poesia!
no exílio meio do medonho mundo.